

## 1. Pierrette Lorrain

Em Outubro de 1827, ao romper do dia, um rapaz de uns dezasseis anos de idade, e cujo traje denunciava aquilo a que a fraseologia moderna tão insolentemente chama um proletário, deteve-se numa praçinha situada na baixa de Provins. Àquela hora pôde examinar sem ser observado as diversas casas dessa praça, que forma um comprido retângulo. As azenhas instaladas nos rios de Provins já haviam começado a funcionar. O seu ruído, repetido pelos ecos da cidade alta, junto com o ar vivo e com as graciosas claridades da manhã, acentuava a profundidade do silêncio, que permitia que se ouvisse a uma légua dali, na estrada principal, o ranger de ferragens de uma diligência.

As duas fieiras mais compridas de casas, separadas por uma tapada de tílias, são constituídas por construções ingênuas em que se revela a existência pacífica e regular dos burgueses. Naquele local não havia vestígios de comércio. Naquele local, então, mal se viam os luxuosos portões dos ricos! Se os havia, raramente rodavam nos gonzos, com excepção do do senhor Martener, pois um médico não podia deixar de ter o seu cabriolé e de servir-se dele. Algumas fachadas eram adornadas por um cordão de vinha e outras por roseiras de tronco alto, que subiam até ao primeiro andar, onde as flores perfumavam as sacadas com os seus grandes tufos dispersos. Uma das extremidades desta praça vai quase até à rua principal da cidade baixa. A outra é atravessada por uma rua paralela a essa rua principal, e cujos jardins se estendem sobranceiros a um dos dois rios que banham o vale de Provins.

Nessa ponta, a mais tranquila da praça, o jovem operário reconheceu a casa que lhe haviam indicado: uma fachada de pedra branca,

raiada de linhas cavadas para fingirem pedras de alicerces, com janelas tapadas por portadas cinzentas e umas magras varandas de ferro enfeitadas de rosáceas pintadas de amarelo.

Por cima dessa fachada, com altura de rés-do-chão e primeiro andar, três lucarnas de mansarda rasgam um telhado coberto de chapa de ardósia, no qual, numa das empenas, gira um cata-vento novo. Esse moderno cata-vento representa um caçador em posição de atirar a uma lebre. Sobe-se à porta de entrada por três degraus de pedra. De um lado da porta, a ponta de um cano de chumbo cospe as águas domésticas sobre uma pequena caleira, e denuncia a cozinha; do outro, duas janelas cuidadosamente fechadas por portadas cinzentas, onde uns corações recortados deixam passar alguma luz, pareceram-lhe ser as da sala de jantar. À altura dos três degraus e debaixo de cada janela vêem-se os respiradouros das caves, tapadas por umas portinholas de lata pintada rasgadas por orifícios pretensiosamente recortados. Naquele tempo tudo aquilo era novo. Naquela casa restaurada e cujo luxo ainda fresco contrastava com o velho exterior de todas as outras, um observador adivinharia imediatamente as ideias mesquinhas e a perfeita satisfação do pequeno comerciante retirado.

O rapaz contemplou estes pormenores com uma expressão de prazer tingida de tristeza: os seus olhos iam da cozinha para as mansardas num movimento que denotava uma intenção. Os clarões rosados do Sol revelaram numa das janelas do sótão uma cortina de calicô que faltava nas outras lucarnas. A fisionomia do rapaz tornou-se então de todo jovial; recuou alguns passos, encostou-se a uma tília e cantou no tom arrastado próprio da gente do Oeste esta romança bretã publicada por Bruguière, um compositor a quem devemos encantadoras melodias. Na Bretanha, os jovens das aldeias vêm cantá-la aos noivos no dia da boda.

*Tenha um feliz casamento  
O senhor vosso esposo  
Convosco ditoso.*

*Depois de casada, estais agora atada  
Com um nó de prata:  
Só a morte o desata.*

*Não ireis mais ao baile,  
Não mais folgareis,  
Da casa tratareis.*

*Sabeis agora como deveis ser  
Fiel ao vosso esposo  
E amá-lo garboso.*

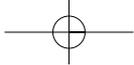
*Tomai este ramo que eu vos ofereço;  
Vossos vãos primores  
Murcharão como as flores.*

Para uma bretã, esta música nacional, tão deliciosa como a que Chateaubriand adaptou ao poema *Minha irmã, lembra-te ainda?*, cantada no meio de uma cidadezinha da Brie de Champagne, não poderia deixar de ser tema de imperiosas recordações, de tal modo descreve fielmente os costumes, a bonomia, os lugares dessa antiga e nobre região. Nela reina não sei que melancolia causada pela visão da vida real que comove profundamente. Este poder de despertar todo um mundo de coisas graves, doces e tristes, através de um ritmo familiar e muitas vezes alegre, é na verdade característico dessas canções populares que são as superstições da música, se quisermos aceitar a palavra superstição como significando tudo o que permanece depois da ruína dos povos e o que sobrenada às suas revoluções.

Terminada a primeira copla, o operário, que não parava de olhar para a cortina da mansarda, não viu nela qualquer movimento. Enquanto cantava a segunda, o calicô agitou-se. Ditas as palavras: *Tomai este ramo*, surgiu o rosto de uma rapariga. Uma mão branca abriu cuidadosamente a janela e a rapariga saudou o viajante com um aceno de cabeça no momento em que ele terminava o pensamento melancólico expresso por estes dois versos tão simples:

*Vossos vãos primores  
Murcharão como as flores.*

O operário ostentou de repente, tirando-a de debaixo do casaco, uma flor de um amarelo-ouro muito comum na Bretanha, e que sem dúvida encontrara nos campos da Brie, onde é rara: a flor da aliaga.



— Então és tu, Brigaut? — disse a rapariga em voz baixa.

— Sou, Pierrette, sou. Estou em Paris e estou a dar a minha volta à França; mas sou capaz de me fixar aqui, visto que estás cá.

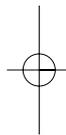
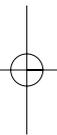
Neste momento, grunhiu o fecho de uma janela no quarto do primeiro andar, por baixo da de Pierrette. A bretã manifestou vivíssimo receio e disse a Brigaut:

— Desaparece!

O operário saltou como uma rã assustada para a esquina formada por uma azenha na tal rua que vai desembocar na rua principal, a artéria da cidade baixa; mas, apesar da sua presteza, os seus sapatos cardados, ressoando na calçada miúda de Provins, produziram um ruído fácil de distinguir da música da azenha, e que a pessoa que abria a janela ouviu.

Essa pessoa era uma mulher. Nenhum homem se arranca às delícias do sono matinal para ouvir um trovador de casaco, só uma mulher acorda com um cântico de amor. Era, assim, uma mulher solteira, e mesmo uma solteirona. Depois de desdobrar as portadas com um gesto de morcego, olhou em todas as direcções e só vagamente ouviu os passos de Brigaut que fugia.

Haverá algo mais horrível de ver que o matinal aparecimento à janela de uma velha solteirona feia? De todos os espectáculos grotescos que divertem os viajantes quando atravessam as pequenas cidades, não será este o mais desagradável? É por demais triste, demasiado repelente para nos fazer rir. Aquela solteirona, de ouvidos tão atentos, apresentava-se despojada dos artifícios de todo o género que usava para se embelezar: não tinha nem a sua guarnição de cabelo postição nem o seu cabeção. Tinha posto aquele horrendo saquinho de tafetá preto com que as velhas embrulham a nuca e que lhe saía do barrete de dormir puxado para cima pelos movimentos do sono. Esta desordem dava àquela cabeça o ar ameaçador que os pintores dão às bruxas. As têmporas, as orelhas e a nuca, pouco tapadas, revelavam o seu carácter árido e seco; as suas rugas ásperas recomendavam-se por uns tons vermelhos pouco agradáveis à vista, e que a cor quase branca da camisa de dormir, presa ao pescoço por atilhos torcidos, ainda mais fazia ressaltar. As frestas da dita camisa entreaberta mostravam um peito comparável ao de uma velha camponesa pouco preocupada com a sua fealdade. O braço descarnado era como que um pau onde se tivesse pendurado um tecido. Vista naquela janela de sacada, a mulher



parecia alta devido à força e à extensão do rosto, que fazia lembrar a vastidão inaudita de certas caras suíças. A sua fisionomia, cujas feições pecavam por um defeito de conjunto, tinha como principal característica uma secura de linhas, uma acidez de tonalidades, uma insensibilidade de fundo que provocaria a repugnância de um fisionomista. Estas expressões então visíveis modificavam-se habitualmente por força de uma espécie de sorriso comercial, de uma estupidéz burguesa que imitava tão bem a bonomia que as pessoas que com ela conviviam podiam muito bem tomá-la por boa pessoa. Possuía aquela casa em compropriedade com o irmão. O irmão dormia tão tranquilamente no seu quarto que nem a orquestra da Ópera o teria acordado, e isto apesar de o diapasão da dita orquestra ser célebre!

A solteirona avançou a cabeça para fora da janela e ergueu para a mansarda os seus olhinhos de um azul pálido e frio, com pestanas curtas e implantadas num bordo quase sempre inchado; tentou ver Pierrette; mas, depois de ter reconhecido a inutilidade da sua manobra, regressou ao quarto com um movimento semelhante ao de uma tartaruga que esconde a cabeça depois de a ter feito sair da carapaça. As portadas fecharam-se, e o silêncio da praça apenas passou a ser perturbado pelos camponeses que chegavam ou por alguns madrugadores. Quando há uma solteirona numa casa os cães de guarda são inúteis: não se passa por lá o mínimo acontecimento que ela não veja, que ela não comente e donde não retire todas as possíveis consequências. Por isso, esta circunstância iria abrir caminho a graves posições, iniciar um daqueles dramas obscuros que se passam em família e que, permanecendo secretos, nem por isso são menos terríveis, se é que podemos permitir-nos aplicar a palavra drama a esta cena doméstica.

Pierrette não tornou a deitar-se. Para ela, a chegada de Brigaut era uma acontecimento imenso. Durante a noite, esse Éden dos infelizes, escapava às contrariedades, aos tormentos que era obrigada a suportar durante o dia. À semelhança do herói não sei de que balada alemã ou russa, o sono era para ela uma vida feliz e o dia era um pesadelo. Ao fim de três anos, acabava de ter pela primeira vez um despertar agradável. As recordações da sua infância tinham cantado melodiosamente dentro da sua alma as suas poesias. A primeira copla, ouvira-a ela em sonhos, a segunda fizera-a levantar-se em sobressalto e à terceira duvidara: os infelizes são da escola de São Tomé. À quarta co-